

História da escravidão: Conceitos e Perspectivas

Resumo

A Escravidão Antiga e Africana

A prática escravista acompanha o homem desde a formação dos primeiros estados praticamente, vários motivos compunham as justificativas para a escravização dos seres humanos, poderia ser por uma captura de guerra ou por dívida como na cultura greco-romana, como punição por crimes como em diversos países ocidentais ou por ser de povos inimigos ou de serem considerados de uma cultura inferior.

Nem sempre as nações que se utilizavam da escravidão dependiam unicamente dela, no Antigo Egito os faraós se utilizavam da mão de obra escrava nas guerras, como reforço do exército e para serviços domésticos. As obras públicas como as esfinges eram feitas pelos agricultores em dias específicos de trabalhos para o faraó. Nas cidades estados gregas a escravidão era usada em diversos setores, mas como no Egito não era a principal fonte de mão de obra o que era diferente no império romano que era uma sociedade escravista tendo uma economia baseada na atividade com uma enorme rede de comércio de escravos no império.

Vemos que as culturas tinham diferentes modos e justificativas e modos sobre a escravidão, logo as não podemos associar a escravidão a uma determinada etnia ou continente já que a maioria dos países e povos se utilizavam dessa prática de modo suplementar ou principal da mão de obra.

A escravidão durante muitíssimos anos não teve um alvo étnico ou local específico, no entanto no período da colonização das Américas a escravidão passou a ter um fundo étnico racial, com a justificação religiosa de uma maldição jogada aos filhos de Caim que haviam fugido para a região do continente africano os europeus os portugueses aproveitaram-se da atividade escravista já existente no continente e montaram um enorme mercado baseado nessa horrenda atividade.

A escravidão na África não era explorada de uma forma mercantil, sendo a maioria dos escravos captura de guerra estes eram usados em diversas funções, a preferência era por mulheres já que estas podiam gerar filhos (que muitas vezes eram livres) e eram mãos a mais na agricultura. A escravidão não necessariamente conferia aos escravos uma posição subalterna ou de maus tratos, alguns povos admitiam os escravos como funcionários públicos tendo casos de escravas que geraram herdeiros que comandaram diversas nações.

O tráfico de escravos na África foi amplamente explorado pelos Árabes principalmente depois do século VII, depois da conquista do Magreb e do Leste Africano, no entanto não somente os africanos eram comercializados, mas pessoas de outras áreas como a Espanha (sob domínio árabe), Rússia, Oriente Médio e Índia. Os árabes vendiam estas pessoas na Península Arábica e na China. O aumento do comércio árabe de pessoas fez aumentar os reinos e povos que viviam da captura de escravos como o Reino Mali, Reino de Gana, do Congo e as cidades Suailis e Iorubas.

A Escravidão Moderna

Depois da conquista de Ceuta pelos portugueses no século XV, os europeus entraram na grande rede de comércio de escravos que até o século XIX forçou a migração de aproximadamente 100 milhões de pessoas para alimentar a necessidade de mão de obra nas recém descobertas colônias americanas, a justificativa dos portugueses eram que os habitantes de Ceuta eram infiéis inimigos da fé católica e prisioneiros de guerra.

Desde essa conquista começamos a perceber uma rede de comércio humano em todo o oceano atlântico, praticamente todas as nações europeias se utilizavam de escravos. Os portugueses utilizavam amplamente esse modelo de mão-de obra, os espanhóis se utilizavam como mão de obra complementar nas colônias da América do Sul mas devido ao extermínio dos povos nativos do Caribe insular a mão de obra escrava foi amplamente utilizada em Cuba, Jamaica e Santo Domingo. Os ingleses por sua vez se utilizavam de escravos somente no sul do atual Estados Unidos, ainda sim praticamente todos os seres humanos eram comercializados por navios portugueses, já que estes detinham colônias em toda a costa do Atlântico africano.

Esse comércio dependia muito das guerras internas entre os povos africanos que dependiam dessa atividade como o Reino do Congo, onde seu chefe o Manicongo Nzinga Kuvu fez aliança com o navegador Diogo Cão, que trocava escravos de guerra por técnicas de navegação e armas de fogo. O Manicongo até mesmo se converteu ao cristianismo, passando a se chamar Dom João no fim do século XVI. Os principais locais de negociação eram o Congo e o Andongo qual os portugueses chamavam de Angola.

A Escravidão Indígena

Mesmo com o comércio de escravos sendo forte na parte insular do império português como Cabo Verde, os primeiros povos a serem escravizados no Brasil foram os povos nativos. Estes eram capturados principalmente em São Paulo pelos bandeirantes que se embrenhavam pelo interior brasileiro em busca de nativos para o trabalho na plantação de cana de açúcar e no fabrico do açúcar.

No entanto a divisão sexual do trabalho indígena (homens com funções militares e de caça e as mulheres na agricultura) atrapalhou a empreitada dos portugueses, além disso os constantes ataques aos portugueses por causa da atividade e a alta taxa de mortalidade pelo contato com as doenças portuguesas fez com que os portugueses desistissem do uso de indígenas. Porém foi o crescimento do comércio de escravos africanos e a pressão da igreja contra a escravidão dos indígenas que fez a atividade ser proibida no século XVIII, ainda sim encontramos documentos de herança do século XIX que passavam a propriedade de indígenas entre os herdeiros.

A vida do Africano na América Portuguesa

Desde a adoção da mão de obra escrava, ela se mostrou fundamental às principais atividades econômicas desenvolvidas na América Portuguesa, como na empresa açucareira nordestina e na extração de metais preciosos em Minas Gerais. Entretanto, o trabalho escravo não se fazia presente somente nessas atividades. As casas das famílias coloniais possuíam os “escravos domésticos”. Havia ainda os “escravos tigres”, cujas obrigações eram de extrema importância em tempos de precário saneamento básico: deveriam levar tonéis cheios de fezes das casas ao local de despejo mais próximo.

Alguns escravos, além disso, detinham a confiança de seus senhores. Alguns, inclusive, eram escolhidos para comercializarem seus produtos em lugares distantes do cativeiro. Conhecidos como “escravos de ganho”, circulavam pelas cidades e em outros centros de comércio, exemplificando o relevante grau de autonomia que alguns escravos possuíam. Esses escravos eram mais comuns nas regiões mineradoras, devido a diversificação da economia.

É preciso lembrar, além disso, que esses indivíduos sofriam com o pesado cotidiano de trabalho, o controle sobre suas vidas e os constantes castigos corporais. Em primeiro lugar, eles enfrentavam o transporte da África para a colônia nos porões dos navios negreiros, onde muitos morriam antes de chegar ao destino final. Após serem vendidos como mercadoria, eram obrigados a trabalhar, recebendo uma alimentação de péssima qualidade e vivendo as senzalas, locais escuros, úmidos e com pouca higiene, adaptado apenas para evitar fugas. Alguns estudos apontam que a expectativa de vida dos escravos, ao nascer, variava em torno de 19 anos e que sua “vida útil” de trabalho era de cerca de 9 anos.

A Resistência

A resistência contra a escravidão no Brasil é digna de citação, sua organização e defesa eram extraordinárias, os quilombos eram as comunidades negras localizadas no interior brasileiro onde os negros encontravam refúgios longe do trabalhos forçados para praticar sua cultura e religião, ao contrário do que muitos pensam, os quilombos tinham uma certa tolerância dos colonos brancos, que muitas vezes comercializavam com essas comunidades os quilombos abrigavam também alguns fugitivos criminais brancos, no entanto a tolerância acabava quando estas cresciam demais ou começavam a roubar viajantes nas estradas da colônia.

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

Exercícios

1. Nos últimos anos, estudos acerca da escravidão têm revelado uma sociedade onde os negros, mesmo submetidos a condições subumanas, foram sujeitos de sua própria história.

Sobre a atitude rebelde dos cativos, assegura-se que:

- a) Tarefas malfeitas e incompletas atestavam a veracidade dos argumentos sobre a ignorância dos escravos, o que impossibilitava a organização de movimentos rebeldes.
- b) A vigilância e fiscalização do feitor impediam a rebeldia, restringindo as alternativas de contestação à fuga e ao suicídio.
- c) As revoltas raramente ocorriam, pois, considerados mercadorias, os escravos se reconheciam como coisas e não como humanos.
- d) A rebeldia negra apoiou-se, sobretudo, na manutenção, por parte dos cativos, de seus valores culturais.
- e) O levante dos malês, em 1835, tinha forte conteúdo étnico, o que explica a excepcionalidade desse motim ocorrido na Bahia.

2. “Ao fim e ao cabo, a introdução de africanos, acoplada ao embargo ao cativo indígena, permite que a metrópole portuguesa comande – durante certo tempo – as operações situadas a montante e a jusante do processo produtivo americano: os colonos devem recorrer à Metrópole para exportar suas mercadorias, mas também para importar seus fatores de produção, isto é, os africanos”.

ALENCASTRO Luiz Felipe de. O Trato dos Videntes. São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 28.

A partir da leitura do texto acima, pode-se afirmar que o processo de colonização português foi marcado:

- a) Pela ênfase no capital mercantil voltado para o mercado europeu e pela dependência do trabalho fabril da mão-de-obra escrava.
- b) Por um esforço de ocupação das faixas litorâneas e pelo incentivo à formação de pequenas propriedades.
- c) Pela evangelização e consequente domesticação das populações indígenas e pelo estímulo ao mercado interno.
- d) Por uma declarada opção pela força de trabalho do negro africano e por uma economia de subsistência.
- e) Pelo caráter comercial organizado com base na grande propriedade monocultora escravista e pela importância do tráfico africano.

3. “Desde logo salientamos a doçura nas relações de senhores com escravos domésticos, talvez maiores no Brasil do que em qualquer outra parte da América.”

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963, p.393.

Diferentemente do texto acima, a historiografia brasileira confirma que os escravos negros não foram totalmente passivos frente ao regime que os oprimia. Durante o período escravista brasileiro, uma das formas de resistência foi:

- a) a migração clandestina rumo à África
 - b) a adoção da fé islâmica pelos escravos paulistas
 - c) o surgimento de religiões com bases sincréticas
 - d) a inexistência de uniões afetivas de caráter estável
 - e) o aparecimento de rebeliões como a ‘Revolta da Chibata’
4. O pau-brasil só poderia ser retirado de nossas matas se houvesse uma autorização preliminar da Coroa Portuguesa e o acerto das taxas era estipulado por esta. O primeiro a usufruir dessa concessão, em 1501, foi Fernando de Noronha, o qual tinha como sócios vários comerciantes judeus, que porém, em troca desta permissão, tinham por obrigação enviar embarcações à nova terra, encontrar pelo menos trezentas léguas de costa, pagar uma quantia pré-estipulada à Coroa e também edificar e conservar as fortificações, mantendo assim a segurança do novo território tão almejado pelos invasores.

Disponível em: <http://www.infoescola.com>. Acesso em: 9 dez. 2013 (adaptado).

A exploração do pau-brasil era realizada

- a) pelos indígenas, que conduziam as toras até o litoral para trocá-las por objetos do colonizador.
 - b) por mão de obra livre europeia, com auxílio de africanos escravizados.
 - c) por africanos escravizados trazidos das ilhas portuguesas da Madeira e Açores.
 - d) pelos nativos, que trocavam a madeira por ouro e armas de fogo.
 - e) pelos próprios portugueses, que se aventuravam pela mata em busca da madeir
5. As razões que fizeram com que no Brasil colonial e mesmo durante o império a escravidão africana predominasse em lugar da escravidão dos povos indígenas podem ser atribuídas a (à):
- a) setores da Igreja e da Coroa que se opunham à escravização indígena; fugas, epidemias e legislação antiescravista indígena que a tornaram menos atraente e lucrativa.
 - b) religião dos povos indígenas, que proibia o trabalho escravo. Preferiam morrer a ter que se submeterem às agruras da escravidão que lhes era imposta nos engenhos de açúcar ou mesmo em outros trabalhos.
 - c) reação dos povos indígenas, que, por serem bastante organizados e unidos, toda vez que se tentou capturá-los, eles encontravam alguma forma de escapar ao cerco dos portugueses.
 - d) ausência de comunicação entre os portugueses e os povos indígenas e à dificuldade de acesso ao interior do continente, face ao pouco conhecimento que se tinha do território e das línguas indígenas.
 - e) um enorme preconceito que existia do europeu em relação ao indígena, e não em relação ao africano, o que dificultava enormemente o aproveitamento do indígena em qualquer atividade.

6. Chegança

Sou Pataxó,
Sou Xavante e Carriri,
Ianonâmi, sou Tupi
Guarani, sou Carajá.
Sou Pancararu,
Carijó, Tupinajé,
Sou Potiguar, sou Caeté,
Ful-ni-ô, Tupinambá.

Eu atraquei num porto muito seguro,
Céu azul, paz e ar puro...
Botei as pernas pro ar.
Logo sonhei que estava no paraíso,
Onde nem era preciso dormir para se sonhar.

Mas de repente me acordei com a surpresa:
Uma esquadra portuguesa veio na praia atracar.
De grande-nau, Um branco de barba escura,
Vestindo uma armadura me apontou pra me pegar.
E assustado dei um pulo da rede,
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: "vão me acabar".
Levantei-me de Borduna já na mão.
Ai, senti no coração,
O Brasil vai começar.

NÓBREGA, A; e FREIRE, W. CD Pernambuco falando para o mundo, 1998.

A letra da canção apresenta um tema recorrente na história da colonização brasileira, as relações de poder entre portugueses e povos nativos, e representa uma crítica à ideia presente no chamado mito

- a) da democracia racial, originado das relações cordiais estabelecidas entre portugueses e nativos no período anterior ao início da colonização brasileira.
- b) da cordialidade brasileira, advinda da forma como os povos nativos se associaram economicamente aos portugueses, participando dos negócios coloniais açucareiros.
- c) do brasileiro receptivo, oriundo da facilidade com que os nativos brasileiros aceitaram as regras impostas pelo colonizador, o que garantiu o sucesso da colonização.
- d) da natural miscigenação, resultante da forma como a metrópole incentivou a união entre colonos, ex-escravos e nativos para acelerar o povoamento da colônia.
- e) do encontro, que identifica a colonização portuguesa como pacífica em função das relações de troca estabelecidas nos primeiros contatos entre portugueses e nativos.

7. Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito. Eram pardos, todos nus. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios.

CAMINHA, P. V. Carta. RIBEIRO, D. et al. Viagens pela história do Brasil: documentos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (adaptado).

O texto é parte da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, documento fundamental para a formação da identidade brasileira. Tratando da relação que, desde esse primeiro contato, se estabeleceu entre portugueses e indígenas, esse trecho da carta revela a

- a) preocupação em garantir a integridade do colonizador diante da resistência dos índios à ocupação da terra.
 - b) postura etnocêntrica do europeu diante das características físicas e práticas culturais do indígena.
 - c) orientação da política da Coroa Portuguesa quanto à utilização dos nativos como mão de obra para colonizar a nova terra.
 - d) oposição de interesses entre portugueses e índios, que dificultava o trabalho catequético e exigia amplos recursos para a defesa da posse da nova terra.
 - e) abundância da terra descoberta, o que possibilitou a sua incorporação aos interesses mercantis portugueses, por meio da exploração econômica dos índios.
8. Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. Revista USP. n. 12, dez./jan./fev. 1991-92 – Adaptado.

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a

- a) formação de uma identidade cultural afrobrasileira.
- b) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.
- c) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
- d) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
- e) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

9. Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro, Bahia apud DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. In: CATELLI JR, R. *Um olhar sobre as festas populares brasileiras*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de

- a) exclusão social.
 - b) imposição religiosa.
 - c) acomodação política.
 - d) supressão simbólica.
 - e) ressignificação cultural.
10. A recuperação da herança cultural africana deve levar em conta o que é próprio do processo cultural: seu movimento, pluralidade e complexidade. Não se trata, portanto, do resgate ingênuo do passado nem do seu cultivo nostálgico, mas de procurar perceber o próprio rosto cultural brasileiro. O que se quer é captar seu movimento para melhor compreendê-lo historicamente.

MINAS GERAIS: Cadernos do Arquivo 1: Escravidão em Minas Gerais. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1988.

Com base no texto, a análise de manifestações culturais de origem africana, como a capoeira ou o candomblé, deve considerar que elas

- a) permanecem como reprodução dos valores e costumes africanos.
- b) perderam a relação com o seu passado histórico.
- c) derivam da interação entre valores africanos e a experiência histórica brasileira.
- d) contribuem para o distanciamento cultural entre negros e brancos no Brasil atual.
- e) demonstram a maior complexidade cultural dos africanos em relação aos europeus.

Gabarito

1. **D**
A estratégia de resistência dos cativos contra os portugueses era de manutenção dos costumes, mesmo depois da catequização imposta pelos europeus.
2. **E**
O tráfico de escravos foi uma atividades extremamente lucrativa para os comerciantes portugueses, sendo este tipo de mão-de-obra a base da economia colonial.
3. **C**
O sincretismo foi uma das consequências do contato (embora desigual) de diversas culturas no território colonial, além de ser um caminho para a sobrevivência de aspecto da cultural africana em diáspora.
4. **A**
A primeira forma de exploração empregada no território colonial foi o trabalho indígena.
5. **A**
Somado a isso, o tráfico de africanos se tornava uma atividade cada vez mais lucrativa.
6. **E**
É sabido que o “encontro” não pode ser caracterizado como amistoso e igualitário, uma vez que se estabeleceu uma relação de dominação.
7. **B**
As descrições do trecho apresentam uma postura eurocêntrica, atribuindo um juízo de valor negativos às particularidades culturais dos nativos.
8. **A**
Tal particularidade foi possibilitada pelo contato de diversas culturas.
9. **E**
O Congado ou festa da Coroação do Rei do Congo é uma manifestação cultural que existe desde o período colonial em várias partes do Brasil. Tal festa tinha uma grande participação de escravos que faziam uma representação dos reinos existentes na África sincretizados com cultos religiosos católicos europeus. A congada contribuía para uma ressignificação cultural de tradições africanas, ou seja, misturavam-na a tradições europeias para serem melhores aceitas na sociedade branca escravista.
10. **C**
A cultura brasileira é historicamente resultado da mistura de diversas culturas, a indígena, europeia e a africana. Deste modo, ao tentar recuperar a cultural africana, como por exemplo, a capoeira e candomblé, devem levar em conta o sincretismo característico da cultura brasileira, ou seja, sua interação histórica.